Anotações para o ensaio sobre Paul Valèry[[1]](#footnote-1)

A ideia de inatividade – em Senhor Teste - é a crítica mais decidida do mundo de Valéry a si mesmo.

Dificuldade de distinguir a ociosidade humanista da desumana. O compromisso de Valéry com o esnobismo.

O caráter de fuga de seu pensamento: a matemática e o mar; mundos puros da forma, alienados do mundo interior da práxis.

Os pensamentos universais de Valéry. Há, de fato, uma área em seus pensamentos, onde eles rebentam em terra firme, quase, sentiria tentado a dizer, em terra prometida.

O desolado clichê que os franceses reivindicam, *raison* e *clarté,* como virtudes nacionais poderiam ganhar um pouco de vida sob uma observação de Valéry.

Em Valéry espreita sempre um materialismo inescrupuloso, como os enciclopedistas o dão a conhecer.

{Uma avaliação válida de Valéry exige que a inteligência do escritor, em particular do poeta, seja perseguida com fúria inquisitiva; exige que ela rompa com a crença generalizada de que a inteligência, no caso dos escritores, é óbvia. Valéry possui uma [inteligência] que não é óbvia; a outra é uma variante da falta de inteligência}.

Existe uma conexão entre a escassez metodológica e a sobriedade do pensador e escritor Valéry e a crueldade com que o poeta faz do nada o atributo da perfeição.

Arquitetura e dança - são eles os mais transparentes diante do nada?

Em Valéry, no entanto, a intenção metódica em sua aplicação à poesia levou apenas à ideia de uma *poésie pure*; mesmo que ele tenha reconhecido claramente os vínculos precisos entre poesia e ciência, parece que ele não foi capaz de realizar uma continuidade igualmente rigorosa: a da poesia e da literatura - portanto, de sua própria práxis nas mesmas.

A poesia de Valéry - um jogo muito preciso de referência recíproca entre voz e inteligência, as ideias de seus poemas emergem como ilhas do mar da voz. Isto é o que distingue essa lírica reflexiva [[2]](#footnote-2) de tudo o que em alemão denominamos assim: em nenhum lugar nela a ideia se encontra com a “vida” ou com a realidade. O pensamento não tem a ver com mais ninguém do que com a voz: isso e nada mais é a quintessência da *poésie pure*. Em outras palavras: se a determinação da lírica é a *poésie pure*, então esta tem por sua vez a ver exclusivamente com a *intelligence* *pure*.

Leonardo e Pascal representam para Valéry o esplendor e a miséria do homem de pensamento. No *corpus* geral de suas obras, o confronto apaixonado com o último é ainda mais frequente do que a adesão sem reservas ao primeiro. A “Introdução ao método de Leonardo” coloca os dois em comparação.

A produção de Valéry é caracterizada pela tarefa, - cada vez mais difícil de assumir e por fim irresolúvel -, de harmonizar certos conhecimentos com o uso de privilégios específicos.

1. \* *G.S.* II-3, p. 1145-1146. Tradução de Carla M. Damião. Os editores alemães Tiedemann e Schweppenhäuser cometam o material da seguinte maneira: “Uma folha com *brouillons* do ensaio Paul Valéry - o único trabalho preliminar que existe no espólio de Benjamin” (p.1145). [↑](#footnote-ref-1)
2. N.T.: No original, *Gedankenlyrik*. [↑](#footnote-ref-2)